



A HISTÓRIA E A HISTÓRIA DE YANIS VAROUFAKIS

Fernando Cambauva Breda*¹

*Universidade de São Paulo (USP)

e-mail: fcbreda59@gmail.com

Resumo: Os anos 2010 foram intensamente marcados por insurreições populares ao redor do mundo, cada uma com razões, formas, significados e direções distintos. Entre elas, destaca-se o movimento ocorrido em 2015 na Grécia, quando a população local se insurgiu contra as cada vez mais agressivas medidas de austeridade impostas por sucessivos governos. Apesar da intensa mobilização, hoje é sabido que o processo resultou na vitória dos banqueiros e, como consequência, a intensificação da crise da Zona do Euro. Após a derrota popular, diversos debates foram travados a respeito das causas que teriam levado ao fracasso da luta popular ante o poder político e econômico das grandes corporações financeiras. Yanis Varoufakis, intelectual e figura política diretamente envolvida no processo, publicou em 2017 *Adultos na sala*, um relato que combina perspectivas pessoais e históricas sobre o período. Este artigo propõe uma análise literária do texto de Varoufakis, investigando as limitações e as possibilidades oferecidas pela forma romanesca na e para representação e compreensão de fenômenos históricos e coletivos. Ao explorar a relação entre literatura e história, procura-se discutir a potência heurística de narrativas literárias, ainda que “reais” – como é o caso de *Adultos na sala* –, à compreensão de eventos complexos e multifacetados.

Palavras-chave: Literatura. História. Romance histórico. Crise social.

The history and the story of Yanis Varoufakis

Abstract: The 2010s were profoundly marked by popular uprisings across the globe, each driven by distinct reasons, forms, meanings, and directions. Among these, the 2015 movement in Greece stands out, where the local population rose against increasingly aggressive austerity measures imposed by successive governments, spanning parties across the political spectrum, from left to right. Despite intense mobilization, it is now understood that the process resulted in the bankers' victory and, as a consequence, the deepening of the Eurozone crisis. Following the popular defeat, numerous debates emerged regarding the causes that led to the failure of the struggle against the

¹ Graduado em Letras pela Universidade de São Paulo (2015) e mestre em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2021). Atualmente, é doutorando em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP. Desenvolve pesquisa sobre escravidão, “tradição da formação do Brasil” e suas implicações estéticas contemporâneas. Projeto de pesquisa orientado por Jean Pierre Chauvin e financiado por bolsa CAPES desde 12/2023. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5784468783090715>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1694-1561>.



political and economic power of major financial corporations. Yanis Varoufakis, an intellectual and political figure directly involved in the process, published *Adults in the Room* in 2017, a narrative combining personal and historical perspectives on this period. This article offers a literary analysis of Varoufakis's work, investigating the limitations and possibilities afforded by the novelistic form in and for the representation and understanding of historical and collective phenomena. By exploring the relationship between literature and history, it aims to discuss the heuristic potential of literary narratives – even when based on “real” events, as is the case with *Adults in the Room* – for understanding complex and multifaceted events.

Keywords: Literature. History. Historical novel. Social crisis.

Introdução

Embora não seja incomum que agitações sociais terminem com líderes de movimentos populares insurgentes negociando direitos básicos com as velhas autoridades estabelecidas, as experiências políticas de revolta popular carregam sentidos que vão muito além das resoluções técnicas tomadas em reuniões de bastidores. Os impactos de revoltas na esfera cultural, por exemplo, estão profundamente ligados a um senso geral de moralização das ações das classes populares.

Não é por acaso, pois, que figuras como Enzo Traverso não titubeiam em pontuar que em cenários de levantes populares, “quando a esquerda falha, os líderes demagogos aparecem à procura de um bode expiatório” (Traverso, 2018, sem página), engendrando cenários propícios ao fascismo por meio da mobilização, justamente, das energias que outrora animaram movimentos “progressistas”².

Ainda que possa parecer paradoxal, esse reaproveitamento fascista de energias mudancistas se faz por meio de um deslocamento discursivo da maior importância: mantém-se o sentimento de revolta antissistema, canalizando-o, no entanto, para formas esvaziadas de crítica ao capitalismo. No limite, armam-se simulacros de revoltas cujo horizonte é uma revolução dentro da ordem, em que saídas coletivas cedem lugar a desejos

² “Dito isso, parece que ocorreu uma inversão: por um lado, os progressistas se voltam para o passado, querem evitar a ‘decadência’ dos valores democráticos, e assumem uma posição reativa (que era desde o século XIX a posição dos conservadores clássicos e dos teóricos da decadência). Por outro lado, os populistas de direita, isto é, os reacionários, se tornaram ‘progressistas’ no sentido de que querem acelerar o tempo e adiantar o futuro – mas por isso são apocalípticos. Apocalípticos porque amigos do apocalipse, porque eles não têm pudor em acelerar o processo de devastação do meio ambiente, em aniquilar pessoas (ou simplesmente deixar morrer, como no caso italiano em que impediram que um barco de refugiados atracasse) e em transformar a sociedade em uma guerra de todos contra todos em que sobrevive o mais armado – e isso não é nenhum ‘retorno à Idade Média’, é o próprio ápice do desenvolvimento capitalista, cuja verdade não é nenhuma versão democrática e luminosa de sociedade, mas sim esse grande Nada destrutivo. Daí a afinidade entre niilismo e a ‘ponte para o futuro’ (ou o cínico ‘future-se’)” (Catalani, 2019, sem página).



individuais de ascensão dentro das regras de um jogo que se toma e se apresenta como incontornável (Bernardo, 2009).

Nesse sentido, a capitulação das direções políticas de ascensões populares ao status quo que domina os processos decisórios da política institucional como que “empurra” aos “vencidos” uma tarefa: a compreensão dos erros táticos e estratégicos que resultaram na tragédia técnica, em detrimento das euforias sonhadoras das ruas. Nesse sentido, a segunda década do século XXI foi “testemunha” de inúmeras insurreições populares que pipocaram ao redor do mundo, com sentidos e rumos variados, nem sempre culminando em cenários de vitória popular: revoltas na Turquia em frente à Praça Taksim, Primavera Árabe, Black Lives Matter, Jornadas de Junho no Brasil etc.

Um desses processos rebeldes teve como palco a Grécia e, como mote, a crise da Zona do Euro. O ápice de suas contradições se deu em 2015, durante as negociações entre algumas das instituições financeiras mais importantes e poderosas do mundo e a equipe econômica do Syriza (sigla grega para Coligação da Esquerda Radical), partido então recém-eleito à chefia do Estado grego.

A essa altura dos acontecimentos, a vitória dos banqueiros já é um fato conhecido e documentado. Todavia, os motivos que levaram à capitulação – neste caso, a aplicação, pelo Syriza, de um pacote de políticas de austeridade à população grega – permanecem ainda em debate.

Buscando contribuir para a compreensão do processo de transformação do partido de polo antiausteridade a aplicador dessas políticas com uma feição mais humanizada, Yanis Varoufakis, ex-ministro das Finanças do governo Syriza, lançou em 2017 seu livro de memórias intitulado *Adultos na sala: minha batalha contra o establishment*.

Passados alguns anos desde a sua publicação, vale assinalar que o livro já foi objeto de discussões a partir de diferentes visadas: sobre as questões econômicas, a discussão foi levada a cabo notavelmente por Eric Toussaint (2017); ao passo que as análises da conjuntura europeia que sustentam a narrativa de Varoufakis foram extensivamente pautadas em debates públicos de diferentes ordens – seja em espaços da política institucional ou nos meios de comunicação de massa.

Não obstante, a dimensão literária desse relato permanece pouco explorada. Entendida aqui como uma abordagem bastante valiosa, ela pode ajudar a compreender não apenas o livro, como o próprio processo narrado.



A história de Yanis

Escritor de pena leve, o ex-ministro grego cria uma narrativa que habilmente combina análises de conjuntura, retratos de figuras políticas, descrições envolventes dos bastidores do poder e a construção de um herói romanesco (ele mesmo) reflexivo e dotado de grande perspicácia intelectual e política – no fim das contas, estamos também diante de um autorretrato no qual o autor descreve a si mesmo como alguém um passo político-intelectual à frente de todos, especialmente seus colegas de governo.

Do ponto de vista literário, essa articulação incomum resulta em uma obra surpreendente, capaz de revelar aspectos importantes do desenvolvimento histórico contemporâneo. Além de interpretar a erosão dos intentos antiausteridade no seio de um governo eleito para combater essas políticas, o livro é também uma espécie de explicação conceitual da crise do capital no século XXI (sobretudo em sua faceta europeia), um manifesto/programa de correção de rota nesse sentido, e, naturalmente, um relato dos dramas que envolveram a figura do herói no processo de negociações entre Troika e Syriza.

Ou seja, a matéria narrada diz respeito a cruzamentos, simplesmente, entre a vida do narrador/autor e os rumos do capitalismo no século XXI. Ou se quisermos, um relato memorialista que articula a vida de seu narrador/protagonista aos andamentos da História contemporânea. De modo que, para o bem do narrador, nem sempre os rumos de uma implicaram nos rumos da outra, embora seja justamente nos momentos em que esses cruzamentos se efetivam que a obra alcança maior densidade histórica e literária.

Parafraseando Roberto Schwarz (2012), é como se estivéssemos diante de um *romance de ideias* que compõe um panorama (em sua faceta europeia) da crise mundial contemporânea em alta qualidade literária, exatamente por cruzar vida íntima e andamento do capital.

A batalha de Varoufakis

Desde o prefácio, Varoufakis adianta que seu relato antecipa o cenário político atual, no qual o establishment liberal parece estar incomodado com uma dissidência insurgente,



radical e de direita, que adota estratégias agressivas e mesmo mentirosas contra seus opositores. Para o narrador, isso não é exatamente uma surpresa, uma vez que

“este mesmo establishment lançou uma campanha de inversão da verdade e assassinato de reputações violentamente eficaz contra o governo pró-europeu e democraticamente eleito de um pequeno país na Europa [Grécia]. (...) [No mais,] Cada uma das pessoas com quem me deparei e sobre as quais escrevo nestas páginas acreditava estar agindo de forma adequada, mas, em conjunto, suas ações produziram desgraça em escala continental. Não é essa a substância de uma autêntica tragédia? Não é isso o que faz as tragédias de Sófocles e Shakespeare encontrarem eco em nós ainda hoje, centenas de anos depois” (Varoufakis, 2019, s. p.).

Ou seja, literariamente, estamos no âmbito do herói astuto, mas dotado de um destino estranhamente trágico: ao contrário de Ulisses, o herói aqui quer justamente compartilhar o que ouviu (e não se encantou) das profundas vozes das sereias (bem-intencionadas?) – elas, sim, hipnotizadas pelo canto vampiresco do capital financeiro. Isto é, é desejo desse nosso Ulisses contemporâneo expor ao mundo que a manutenção do status quo europeu vai apenas produzir mais crise e desgraça, já que, diferentemente do que se dera com ele próprio, o automatismo político-financeiro montado pelos bancos teria tornado títeres inertes os agentes políticos que comandam a vida política institucional europeia.

Qual um diário da queda, o narrador/autor partilha o que não conseguiu fazer ecoar nos ouvidos autoensurdecidos dos chefes de Estado europeus e agentes da Troika; de sorte que restaria ao brilhante herói apenas tentar contar “o que sabe, o que viveu e o que espera ser passível ainda de mudança” a seus leitores ao redor do mundo³ – possivelmente, evitando a tragédia anunciada.

Uma das linhas de força interpretativa do livro reside em sua capacidade de expor de maneira clara e didática o automatismo desumano que os bancos conseguiram impor à política europeia, tornando mero teatro de máscaras as decisões eleitorais.

Embora se possa argumentar que isso não seja exatamente uma novidade, o enfoque “de dentro para fora” é interessante, não apenas como uma revelação e/ou “vazamentos” de segredos de cozinha, mas por conjugar tais automatismos a histórias de vida de figurões da política internacional, aguçando a curiosidade de quem as lê e, ao mesmo tempo,

³ E neste ponto, a figura pessoal do autor – fora da letra em si do texto, portanto – engrandece a qualidade artístico-política da obra: Varoufakis é (foi?) um protoícone pop que consegue aliar discussões conceituais profundas a uma linguagem relativamente acessível e uma imagem midiática rock n’ roll.



articulando-as a reflexões profundas sobre as principais razões econômicas que guiam a vida política do continente europeu.

Por outro lado, essa mesma perspicácia crítica, que organiza a matéria histórica na qual se insere em termos compreensíveis até mesmo a leigos, cria também um cenário em que até mesmo a experiência de luta política antiausteridade mais radical dos últimos anos no continente europeu (que, por sua vez, impulsionou a eleição do Syriza ao governo) parece estar figurada como destinada, desde o início, ao “mais do mesmo” do automatismo financeiro montado... a não ser que em seu percurso histórico tivesse sido bem sucedida justamente a jornada do herói – algo que já sabemos antecipadamente não ter ocorrido.

Assim, os conflitos entre essas tendências voltadas à anulação mútua – o irracionalismo automatizado da economia política orquestrada pelos bancos e as tentativas do herói de implementar um programa antiausteridade – tomam figura de conflito romanesco na pena do autor. De modo que se configuram-se, narrativamente, como o ponto alto da obra, eles também cobram seu preço (também romanesco, como veremos) na obliteração das massas no processo.

O romance histórico

O conflito romanesco da obra ganha contornos mais claros quando o narrador se depara com a oferta tentadora de se tornar ele próprio um encantado pelas sereias do capital – um “de dentro”, nos termos de Larry Summers, o qual é figurado no livro como uma espécie de mensageiro *soft* do capital. Tudo se passa como se ali se estabelecesse a fronteira ética tomada como intransponível pelo herói positivo. Ou ainda, o livro toma feição de romance quando do encontro entre o narrador e aquele que será responsável por nomear (e ofertar) o limite tentador que desafia o imperativo ético do narrador. De modo que no ato de recusa da oferta tentadora estabelece-se, por sua vez, algo como um princípio da ação (e narração) do nosso herói positivo. Do contrário, ele sucumbiria aos ditames do capital, tornando-se uma espécie de pactário com seu Mefistófeles pessoal, representado por Larry Summers e seus aliados “de dentro” do sistema (o que, em si, também tem algo de demoníaco).



Como se vê no trecho a seguir, a descrição do relato apenas reforça o caráter tentador e demoníaco da oferta; reforçado ainda por um cenário descrito qual uma Gotham City do mundo real, pintada por um Edward Hopper:

A única cor que atravessava a penumbra daquele bar de hotel provinha do líquido âmbar que cintilava no copo diante dele [Larry Summers]. Conforme me aproximei, ele ergueu os olhos para me cumprimentar com um breve aceno de cabeça antes de retornar seu olhar para baixo, encarando seu copo de uísque. Eu afundei no sofá felpudo, esgotado.

No momento certo, sua voz familiar soou ostensivamente ranzinza.

“Yanis”, disse ele, “você cometeram um grave erro”.

Na calada das noites de primavera, uma mansidão, inimaginável durante o dia, cai sobre Washington. À medida que os políticos, os lobistas e os aproveitadores de todo tipo evaporam, o ar se esvazia da tensão e os bares são abandonados àquelas poucas pessoas que não têm motivos para acordar cedo, e àqueles, ainda mais raros, cujo peso das responsabilidades não os deixa dormir. Naquela noite, como nas oitenta e uma noites que a precederam, ou nas oitenta e uma noites que estavam por vir, eu fazia parte desses últimos. Eu havia levado quinze minutos para caminhar, envolto na escuridão, do número 700 da 19ª rua Noroeste de Washington, endereço da sede do Fundo Monetário Internacional (FMI), até o bar de hotel onde eu ficara de encontrá-lo. Nunca havia imaginado que um pequeno passeio solitário na anódina cidade de Washington pudesse ser tão restaurador. [...] Tudo isso mudou com aquela mordaz declaração de abertura, tornada mais horripilante pela luz fraca e pelas sombras que oscilavam (Varoufakis, 2019, s. p.).

Eis, então, que se desdobra o conteúdo do limite:

‘Existem dois tipos de políticos’, disse: ‘os de dentro do sistema [insiders] e os de fora dele [outsiders]. Os de fora dão prioridade à sua liberdade de contar sua própria versão da verdade. O preço de sua liberdade é que eles são ignorados pelos de dentro, que são os que tomam as decisões importantes. Os de dentro, por sua vez, seguem uma regra sagrada: nunca se volte contra outro de dentro e nunca fale com os de fora sobre o que os de dentro dizem ou fazem. Sua recompensa? Acesso a informações privilegiadas e uma chance, ainda que sem garantias, de influenciar os rumos das coisas e pessoas poderosas’ (Varoufakis, 2019, s. p.).

Nesta cena, arma-se então o ponto de vista que o narrador advoga para si como organizador de seu relato: ele é um “de fora” que vai contar o que viu quando teve acesso ao que acontece entre os “de dentro” (configurando, pois, uma espécie mesmo de Ulisses moderno e democrático ou um tipo europeu de Calabar do povo). Ou seja: esse romance de ideias será narrado por um sujeito que foi, sabemos, derrotado politicamente, mas que saiu da batalha moralmente honrado. Um herói positivo num mundo – ou mais propriamente, no sujo centro decisório do capitalismo europeu – que lhe é hostil. Ou então, literariamente, um herói romanesco (atravessado pelo distanciamento próprio de um intelectual) capaz de



ver a si mesmo como parte integrada (e atropelada) de uma cena contemporânea atroz aos que procuram se opor aos automatismos injustos de funcionamento que a regem. Configurando, dessa forma, um porvir narrativo no qual se desenrolará uma espécie de dualidade entre a vitória individual-moral e a tragédia coletivo-social.

Explicitado o ponto de vista, falemos do herói. Espalha-se ao longo de todo livro momentos no quais vislumbra-se sua formação pessoal (e romanesca): esquerdistas, de origem popular, descendente de históricos lutadores sociais gregos, acadêmico consagrado e de carreira internacional, pai de uma menina, casamento estável, figura antiausteridade de boa circulação midiática, intelectual alheio às ortodoxias de uma esquerda envelhecida, e sem rabo preso com ninguém. De novo, literariamente, um herói positivo clássico: incorruptível, moralmente ilibado e disposto a contar como os subterrâneos do poder se articulam com o andamento geral da História. Para isso, no entanto, é necessária a explicação de como chegou (pessoalmente) até ao encontro com seu Mefistófeles particular.

Assim, de uma situação inicial marcada pela relativa estabilidade individual de um acadêmico bem estabelecido profissionalmente é que se arma, então, o conflito: iniciado pelo convite do Syriza à elaboração de um plano antiausteridade capaz de vencer eleições e superar os obstáculos que seriam sabidamente impostos pela Troika e seus governos representantes (capachos?) no Parlamento Europeu.

Em todo caso, o próprio plano só passaria a ter força narrativa à medida que se ligasse aos bons resultados do partido nas eleições. Ou seja, esse convite só se tornaria parte do conflito romanesco de Yanis à medida que se transformasse em uma possibilidade concreta de vitória eleitoral do Syriza. O que, por sua vez, só teria sido possível graças à iniciativa do herói – isso, claro, dentro da perspectiva narrativa adotada pelo próprio Varoufakis.

Sua condição à participação no governo passava por uma ação política (e romanesca, dentro do quadro pintado no livro) da maior importância: o partido teria que renunciar ao seu programa econômico – apresentado às bases partidárias na cidade de Telessónica em 2014 e que causava a Varoufakis “náusea e indignação” por prometer ao povo apenas “sangue, suor e lágrimas”.

Como sabemos, em seu lugar, o partido adotaria o plano elaborado pelo próprio autor. Assim, operando transições programáticas sobretudo nos bastidores do partido, o economista termina por convencer as lideranças partidárias que, em caso de eleição, adotaria-se o seu próprio programa.



O centro de sua linha política era a permanência da Grécia na Zona do Euro, realizada, todavia, sob novas chaves: uma espécie de “new deal para a Grécia e que nos permitirá [Estado grego] ter uma economia social viável no seio da zona euro” (Varoufakis, 2019, s. p.). Assim, o que poderia parecer um recuo em relação ao programa original do Syriza tinha sua justificação no fato de ser necessário negociar, ou seja, ceder em pontos na medida mínima de sua força de barganha, conforme explicado pelo próprio autor:

Se você não consegue se imaginar dando as costas e saindo de uma negociação, jamais deveria ter entrado nela. Se não consegue entender a ideia de um impasse, poderia muito bem confinar-se ao papel de um suplicante que implora ao déspota que lhe conceda diversos privilégios, mas que no final das contas aceita aquilo que o déspota conceder. Não foi este o mandato que recebemos em 25 de janeiro. Nosso mandato foi para negociar. O que significa trabalhar para evitar uma ruptura ao mesmo tempo que nos recusamos a descartar a ideia de uma ruptura (Varoufakis, 2019, s. p.).

E qual seria o poder de barganha do Syriza? A disposição planejada em realizar uma ruptura com a Zona do Euro em caso de irredutibilidade da Troika. Ruptura que, simplesmente, denunciaria e seria uma pá de cal no já desmoronante castelo de cartas financeiro da União Europeia – do qual ninguém parece querer abrir mão, tampouco de sua mentira.

Ou seja, narratologicamente, é o próprio herói quem impõe a si mesmo o conflito que engendra sua narrativa. De sorte que mais uma vez esse narrador, que não teme se complicar, pinta a si próprio como se estivesse sempre um passo além de seus pares: nesse caso, não só do ponto de vista político-programático, como também no que diz respeito às relações pessoais que nutria – sem rabo preso com banqueiros, como se verá depois ser o caso de outros figurões do próprio Syriza.

De todo modo, narrativamente, o plano do herói ganha força de convencimento à medida que se esclarece, tanto a quem lê seu livro como aos próprios dirigentes do partido, a explicação da natureza dessa queda livre da economia europeia, contida por um engodo financeiro.

Segundo o próprio, a montagem da União Europeia, teria sido feita

[...] como um cartel de grandes empresas limitando a concorrência entre indústrias pesadas da Europa Central e garantindo para elas mercados de exportação em países periféricos como a Itália e, mais tarde, a Grécia. [De modo que] Os déficits de países



como a Grécia foram reflexo dos excedentes de países como a Alemanha (Varoufakis, 2019, s. p.).

Assim, quando da unificação monetária em torno do Euro, criou-se uma bolha que equalizava artificialmente moedas de valores incomparáveis, empurrando os déficits dos países da periferia europeia a níveis estratosféricos. Com a crise de 2008, o esquema se descortinava: cessou-se os empréstimos a países como Grécia, Irlanda e Portugal que, imediatamente, entraram em situação de insolvência.

Na outra ponta do sistema, três bancos franceses sofriam, *pari passu*, perdas provenientes dessas dívidas, maiores que a própria economia francesa (!). Conforme o Banco de Compensações Internacionais, a cobertura desses bancos era de apenas 3% do valor total das dívidas. Não seria arriscado dizer, então, que a manutenção de tais bancos dependia totalmente da manutenção das dívidas dos países periféricos da Europa. Do contrário, o governo francês, por exemplo, seria obrigado a cobrir esse calote, tal como se deu no contexto estadunidense em 2008; o que era impossível, uma vez que seu Banco Central foi desmantelado em 2000 quando da adesão à moeda comum. Restaria tão somente o Banco Central Europeu ou o auxílio de instituições como o FMI⁴. Em todo caso, aos bancos, era melhor não correr o risco de, da noite para o dia, perderem parte significativa de seus ativos, tornando-se eles próprios também insolventes.

Assim, o cenário estava estabelecido: a falência da Grécia significaria, por efeito dominó, a falência do Estado francês para manter três bancos e, como consequência, um efeito cascata que afetaria todo o sistema financeiro da União Europeia.

A entrada em cena do FMI foi precisamente a jogada resolutive (ou para afundar-se ainda mais no lamaçal?): os novos empréstimos e resgates para os bancos seriam apresentados como atos de solidariedade para com os desafortunados gregos, uma vez que eles ainda eram, apesar de tudo, membros da família europeia (e nesse “apesar de tudo”, há uma ampliação da razão negra (Mbembe, 2018) para novos territórios no seio da própria Europa). No entanto, devido à proibição de financiamento de dívidas, esses empréstimos viriam do FMI! Assim, o resgate aos bancos alemães e franceses se disfarçava como solidariedade internacional.

⁴ Soma-se ainda à barafunda a condição imposta pela Alemanha à criação do euro: nenhuma transferência de dívidas incobráveis, públicas ou privadas, ao Banco Central Europeu. No mais, a própria Alemanha passava por perrengues já desde a crise americana de 2008, quando foi obrigada a torrar mais de 400 bilhões de euros para cobrir operações baseadas em ações nos Estados Unidos pulverizadas com o estouro da bolha.



No mais, esses mesmos empréstimos, não podendo ser mediados pela própria União Europeia, borrifavam a dívida conforme o tamanho econômico dos países credores (diluindo a contribuição justamente de França e Alemanha), dando ainda mais uma volta no parafuso da dívida. Países tão ou ainda mais pobres do que a Grécia, como Portugal, Eslováquia, Indonésia e Brasil passavam, então, a transferir dinheiro aos bancos de Paris e Frankfurt.

Assim, na explicação da crise da dívida europeia por Varoufakis, “os líderes da França e da Alemanha tinham cerca de 1 trilhão de euros em jogo para não permitir que o governo grego revelasse a verdade; isto é, para que não confessasse que estava falido” (Varoufakis, 2019, s. p.). Por outro lado, esse também era o valor da margem de negociação do Syriza.

*

Malgrado a necessidade de uma explicação prolongada até mesmo em um artigo de crítica literária, percebe-se que o poder de barganha não era pequeno, embora o risco fosse proporcional ao possível triunfo na negociação. Além disso, é bastante plausível de se pensar que, ainda assim, esse mesmo poder de barganha só se sustentaria se apoiado por manifestações massivas do povo grego e por demonstrações de solidariedade em outros lugares do mundo – algo que, de fato, se deu.

Ocorre que no livro essa dimensão popular da disputa tem um papel bastante periférico, o que reforça a capacidade heurística de abordar a obra de Varoufakis à luz da teoria literária. A conjugação entre economia europeia, crise global do capitalismo e vida do narrador, apresentada à maneira de um romance tipicamente burguês, põe em cena a força política das ruas apenas como mais uma motivação, entre outras, à jornada do herói. Este, diante das multidões em polvorosa, sentia-se moralmente compelido a “caminhar pelo certo”. Não por acaso, o narrador menciona, em diversos momentos, que busca inspiração nos exemplos que testemunhava ao sair às ruas.

Assim, a conjugação romanesca entre vida pessoal e andamento da História passa a tomar forma no centro do enredo do livro. No relato de Varoufakis, o conflito é moldado de tal forma que parece ser responsabilidade exclusiva do herói a possibilidade transformação dos rumos da História. Sua tarefa, no caso, seria convencer o partido a adotar seu próprio programa, ainda que ao custo de um Grexit, justamente porque seu plano punha em jogo condições dignas à permanência do Estado Grego na Zona do Euro, e se dispunha



igualmente a enfrentar a cascata de embargos que inevitavelmente assolaria o país no dia seguinte à ruptura com a mesma instituição, caso se optasse pela recusa ao pagamento das dívidas nas condições propostas.

Historicamente, essa ultracentralização dos rumos históricos do capital no voluntarismo do herói não é verdadeira, embora não seja inteiramente falsa. Melhor dizendo, sua capacidade de convencimento e/ou verossimilhança é precisamente o que confere qualidade romanesca ao relato. De modo que passamos, então, a lidar com um salto de compreensão do social que se faz possível justamente por meio de uma leitura literária do livro.

História contra história

Do ponto de vista da teoria da literatura, esse cruzamento entre vida coletiva e pessoal engendra, pois, um tipo específico de romance: o romance histórico, ao menos, conforme o é concebido, por exemplo, por Georg Lukács (2000). Trata-se de uma espécie de épica em que se descreve transformações de vidas populares por conta de forças coletivas em disputa. Ao mesmo tempo, esse gênero romanesco guardaria como marca fundamental justamente um diálogo tenso entre o modo como as transformações coletivas são postas em texto e a narrativa de vidas individuais (burguesas, se quisermos) das personagens.

Uma economia narrativa, portanto, que se faz longe das grandes figuras históricas e próxima das vidas singulares da gente comum. Não por acaso, figuras históricas famosas até podem aparecer aqui e ali, mas elas teriam antes função referencial ao contexto histórico mais amplo do que propriamente atuantes como um elemento ativo no andamento da ação romanesca.

Em *Adultos na sala*, é o próprio narrador-protagonista-autor quem atua como o dispositivo literário que articula em si o cruzamento entre vida comum e história coletiva. Ele conjuga em si, ao mesmo tempo, forças coletivas em disputa e a exemplaridade de um sujeito comum, ainda que astuto. Trocando em miúdos, essa figura seria um “normal” que cruza fronteiras de classe (e, nesse processo, passa a ser uma “criança” na sala dos “adultos”, ou um “de fora” entre os “de dentro”) e, simultaneamente, é também a própria encarnação (ainda que figurada de maneira burguesa e individualizada) de um dos lados da luta de classes armada no livro – que será construída narrativamente como uma espécie de embate



“do bem contra mal” , ou comuns contra poderosos⁵, ou, ainda mais especificamente, os “de fora” contra os “de dentro”.

Ora, como já dito, esse mesmo movimento que heroiciza o narrador e o alça aos centros de acontecimentos como vetor de uma força coletiva é o que, em boa medida, confere a qualidade literária do relato. Por outro lado, é também onde o romance escorrega na compreensão dos fenômenos do ponto de vista histórico.

Ao adotar uma forma burguesa para retratar a tentativa de solucionar os problemas teorizados economicamente, incorporando-os ao andamento de uma ação romanesca, todo um esquema financeiro fraudulento – que transfere a falência iminente de bancos alemães e franceses para os estados mais pobres da União Europeia e de membros do FMI (Brasil, inclusive) – deixa de ser tratado como um problema político e é reduzido a uma questão mezinha de picuinhas, simpatias e disputas pessoais entre figurões da política institucional. Ou ainda mais aburguesadamente, como se a resolução possível (e mesmo desejada) estivesse ao alcance do voluntarismo do incansável herói/narrador dessa empreitada. Como se a análise de conjuntura, que toda hora pipoca no livro, fosse descrita em termos históricos e as decisões políticas fossem narradas como ações individuais, descoladas da luta e vida coletivas.

De modo que se conforma, assim, um nó interessante no modelo lukácsiano de distinção entre narrar e descrever (2010): a descrição acurada dos acontecimentos é o que dá sustentação à figura desse herói romanesco, cuja margem de ação parece ter possibilidades verossimilhantes de resultarem, simplesmente, numa virada radical nos rumos da história global. Por outro lado, a narração do processo em dinamismo oblitera a dimensão coletiva da disputa, que seria, por sua vez, justamente a própria condição de possibilidade ao engrandecimento do mesmo herói à posição de um polo das disputas em cena. Ou seja, aqui é a narração que contradiz o andamento da história como um campo de disputas sobre futuros à vista, justamente por obliterar da disputa a força coletiva, que passa a ser centrada somente na figura desse Ulisses incansável... mas impotente. Assim, ao fim e cabo, Varoufakis montou um complexo narrativo que quando toma feição de romance, a História (com H maiúsculo) emerge como “segredos de cozinha” e/ou aventura pessoal⁶.

⁵ No que tem um certo eco narrativa da ideia dos 99% que foi bem importante aí também por volta de 2010 e 2011.

⁶ É interessante e exemplar, nesse sentido, a simbologia da praça Syntagma: ela é um espaço de memória de outras lutas do povo grego, que são inclusive analisadas e comentadas pelo narrador, mas nos momentos em que ela aparece no livro de Varoufakis, ela é tão somente um reforço à sua própria posição pessoal (diga-se de passagem, heroica, dado o contexto)



Não por acaso, há todo um cenário inicial que enfatiza o narrador como apenas um rapaz grego sem dinheiro no bolso, plenamente ciente de que sua posição em uma das cadeiras mais importantes do Estado Grego era provisória. Assim sendo, sabia também esse astuto acadêmico que ocupar tal espaço significava posicionar-se em um campo inevitável de embate. De modo que sem se furtar ao desafio, ele se engaja sem descanso na montagem de sua equipe à batalha – conformando um momento meio Karate kid meio “formação de esquadrão” no livro.

A isso se soma ainda uma série de “personagens-obstáculos”, meticulosamente elencados e construídos conforme tipos narrativos clássicos – sejam adversários ou seus pares. Dentre os quais destaca-se especialmente a figura do vilão, encarnado em Wolfgang Schauble – então Ministério das Finanças da Alemanha.

Vale ainda ressaltar que nem mesmo um já surrado dispositivo de enredo que é o “momento da quase resolução positiva do problema” falta ao relato: quando o herói está prestes a sucumbir, o vilão demonstra, por um instante, sua humanidade até então escondida e alguma esperança volta à tona... até tomarmos contanto, junto com o próprio narrador, de uma traição entre aqueles que acreditava estar consigo.

Por outro lado, essa aventura pessoal convive no relato com descrições de conjuntura, nas quais a jornada do herói ganha ares de uma tragédia que poderia ter sido evitada caso seu plano individual se concretizasse, ainda que essa mesma (im)possibilidade seja vislumbrada por uma voz analítico-descritiva à frente do tempo da ação (se fosse um filme, poderia ser mobilizada com o recurso de voz over e, no palco clássico, poderia ser encenada pelo coro).

De modo que é justamente nessa antinomia que se conforma o interesse principal do livro, situando-o no centro de um paradoxo que parece ser bastante próprio ao romance histórico contemporâneo⁷.

Conforme aponta Fredric Jameson, um dos fundamentos das produções romanescas contemporâneas foi elevar a primeiro plano o caráter fragmentário das narrativas, tornando algo difusa sua dimensão propriamente histórica e coletiva (Jameson, 2007). Contudo, o próprio Jameson argumenta que seria constitutivo ao romance histórico precisamente uma

de não ceder ao pacto demoníaco proposto pela Troika. Como se uma multidão nas ruas não fosse parte, ela própria, da luta antiausteridade.

⁷ Fredric Jameson chega mesmo ao ponto de se perguntar se “o romance histórico ainda é possível?” (Jameson, 2007).



certa procura de totalidade – isto é, uma forma literária que se constitui também na tentativa de vislumbrar na existência individual o andamento de uma dimensão pública, coletiva e histórica⁸.

Nesse sentido, o livro do Varoufakis se destaca justamente porque o tempo todo o narrador, enquanto intelectual distanciado, procura ver, nomear e interpretar essa dimensão histórica maior, mas o andamento da narrativa caminha em sentido contrário, integrando o narrador como herói da ação narrada – ainda que trágico, aos olhos da própria inteligência narrativa situada à sua frente no tempo. Em outras palavras, na perspectiva do narrador-intelectual, História assume forma coletiva, ao passo que no ponto de vista narrador-herói, ela toma feição de uma história de superação pessoal. Conformando-se assim um embate interno ao livro entre espaço-tempos distintos: o do herói em ação, ao qual uma das feições do narrador se articula, e o do intelectual analítico, no qual se desdobram as análises de conjuntura.

As ruínas

Reforça ainda essa antinomia interna ao livro, o próprio desenlace do conflito maior do livro – as negociações com a Troika. O principal aliado político do herói, o então primeiro-ministro grego Alexis Tsipras, opera uma espécie de “virada de chave” romanesca na forma de uma capitulação que é, no entanto, descrita na análise histórica do próprio livro com ares de tragédia. Como se a própria substância da capitulação de Tsipras já estivesse predestinada a acontecer, uma vez que na análise de conjuntura feita por Varoufakis, a tragédia contemporânea (com menção, inclusive a Sófocles e Shakespeare) da crise europeia reside precisamente na insistência, ainda que bem-intencionada, de se seguir aplicando uma política que está promovendo o desastre do qual procura justamente se desgarrar.

Resta ao leitor, então, indagar-se quanto ao caráter dessa virada: teria sido uma adesão aos encantos (ou cantos de sereia) de Angela Merkel (como propõe o narrador já consciente da traição de seu antigo correligionário?) ou um destino inexorável a qualquer

⁸ Esse é justamente um ponto levantado num debate em 2007 entre dois estudiosos do assunto (Fredric Jameson e Perry Anderson) sobre a viabilidade do gênero romance histórico na contemporaneidade. O que os dois tentam entender é por que justamente na hora de dar a ver uma certa dimensão totalizante, os “romances históricos contemporâneos” – se é que podemos chamar assim – deslizam a uma forma de situar a história contemporânea mais como história de bastidores do que qualquer outra coisa.



atuação política dentro das amarras impostas pela Zona do Euro? Ou ainda, é uma virada que se opera como uma transformação individual ou é decorrente do determinismo histórico da moderna tragédia europeia?

É, no entanto, ao final da narrativa que essa antinomia é colocada em sua máxima tensão, quando o narrador encerra o livro como um vencedor, do ponto de vista pessoal, moral e romanesco, mesmo no meio de uma derrota histórica com ares de catástrofe iminente. Basicamente, nas últimas páginas do livro, ele narra sua recusa a assinar o tratado de austeridade, que teve como consequência óbvia sua demissão do então governo grego, e, já distante de seus antigos companheiros de governo, passa a tratar do processo de fundação de um movimento político próprio (o DiEM25) – não sem antes xingar Deus e o mundo (membros do Syriza incluídos). Ele ainda é o Ulisses que escutou o canto das sereias, mas agora definitivamente solitário: seus antigos aliados se jogaram ao mar, e entre seus velhos adversários, ninguém parece disposto a tirar a cera dos ouvidos.

Há, todavia, um problema: essa mesma conjugação entre vitória moral individual e uma derrota política coletiva é narrada literariamente como se dentro de um quadro histórico no qual resta ao herói apenas a fundação de um coletivo de pessoas que serão responsáveis por recolher os pedaços quando o edifício desmoronar⁹ (haverá uma Eneida para Varoufakis?):

Minutos após a inauguração do DiEM25 em Berlim, cheios de adrenalina e esperança, meus colegas e eu nos deparamos com um ativista alemão mais velho que parecia não estar impressionado. “Esse movimento está condenado”, disse-nos ele sombriamente.

“Então, que diabos você está fazendo aqui?”, perguntou um colega levemente irritado.

“Quero ficar por perto das pessoas que terão que recolher os pedaços quando o edifício todo desmoronar”, ele respondeu.

Essa é uma razão boa o suficiente para manter viva, em toda a Europa, a pequena chama acesa pelo povo da Grécia durante a primavera de 2015. (Varoufakis, 2019, s. p.)

De novo, olhando ao relato de Varoufakis do ponto de vista da crítica literária, esse final que conjuga vitória moral e derrota histórica acaba por reforçar, ainda que por

⁹ Interessante que essa ideia de desmoronamento de edifícios está literalmente no final do *Homem que amava cachorros*, um romance histórico do Padura sobre a morte de Leon Trotsky.



caminhos tortuosos, um certo aspecto reacionário¹⁰ do romance histórico, presente também em sua própria emergência enquanto gênero.

Como coloca Perry Anderson (2007), o romance histórico é, grosso modo, concebido inicialmente como uma forma de reação nacionalista a desdobramentos locais da Revolução Francesa em países europeus. Ou ainda, de um ponto de vista menos vinculado à política oficial, como uma espécie de canto de cisne de um tempo histórico em fim de linha.

Nesse sentido, o livro de Varoufakis é também uma espécie de reação contra o desmonte final do estado de bem-estar social na Europa rumo a uma brasilianização do mundo – que seria, basicamente, uma distribuição perversamente mais democrática da desgraça capitalista pelo mundo.

Levar, portanto, a análise do relato de Varoufakis a partir de uma visada crítico-literária parece apontar para algumas questões:

A criação romanesca da tragédia grega é a reação literária de Varoufakis? É possível ao romance, enquanto gênero, “alocar” uma compreensão histórica para além dos ditames burgueses? Ou, por outro lado, e levando em conta que, ao fim e ao cabo, a personagem que ficou de fora do relato foi justamente o povo (e seus protestos massivos), como narrar a multidão dentro de uma forma centrada na individuação burguesa? O problema é do herói, do narrador ou é da forma?

Em última instância, a questão que se coloca é se o romance, enquanto gênero historicamente vinculado à subjetividade burguesa, é capaz de apreender a multiplicidade e a complexidade da experiência coletiva sem reduzi-la a meras motivações ao herói. Se é verdade que, na tentativa de recontar a tragédia grega situando a si mesmo no centro dos acontecimentos, Varoufakis obliterou as massas do processo, é também verdadeiro que não se trata de apenas um lapso narrativo do autor. Pelo contrário, operando com as tensões que constituem o gênero romanesco, *Adultos na sala* talvez dê a ver sintomas de tensões narrativas, mas sobretudo do modo de se pensar o andamento histórico na contemporaneidade.

Referências

¹⁰ No sentido mesmo de reação a uma mudança em curso. E, no caso de Varoufakis, essa mudança seria ainda pior do que o estado anterior à mudança.



ANDERSON, Perry. Trajetos de uma forma literária. In: **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 77, p. 205-220, mar. 2007.

BERNARDO, João. Entre a luta de classes e o ressentimento. A propósito do artigo «Cadilhe, o “coveiro rico”». **Passa Palavra**, 26 mar. 2009. Disponível em: <https://passapalavra.info/2009/03/2063>. Acesso em: 05 mai. 2024.

CATALANI, Felipe. A decisão fascista e o mito da regressão: o Brasil à luz do mundo e vice-versa. **Blog da Boitempo**, 23 jul. 2019. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2019/07/23/a-decisao-fascista-e-o-mito-da-regressao-o-brasil-a-luz-do-mundo-e-vice-versa/>. Acesso em: 05 mai. 2024.

JAMESON, Fredric. O romance histórico ainda é possível?. In: **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 77, p. 185-203, mar. 2007

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2000.

LUKÁCS, Georg. Narrar ou descrever. **Marxismo e teoria da literatura**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

SCHWARZ, Roberto. **Martinha versus Lucrecia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

TOUSSAINT, Eric. O discutível relato de Varoufakis sobre as origens da crise grega e as suas espantosas relações com a classe política. O relato da crise grega feito por Yanis Varoufakis: acabrunhante para ele próprio. 24 ago. 2017. **CADTM (Comité para a abolição das dívidas ilegítimas)**. Disponível em: <https://www.cadtm.org/As-propostas-de-Varoufakis-que-levaram-a-derrota>. Acesso em: 25 nov. 2024.

TRAVERSO, Enzo. Enzo Traverso: "Quando a esquerda falha, os líderes demagogos aparecem à procura de um bode expiatório". **O Globo**. 08 dez. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/enzo-traverso-quando-esquerda-falha-os-lideres-demagogos-aparecem-procura-de-um-bode-expiatorio-23288470>. Acesso em: 25 nov. 2024

VAROUFAKIS, Yanis. **Adultos na sala**. São Paulo: Autonomia literária, 2019. E-book Kindle.

